

---

## **A INVENÇÃO DO PAPA-FIGO: MEMÓRIAS DAS DOENÇAS E DAS CRENÇAS SOBRE A LEPRO NOS ANOS 70 E AS ASTUCIAS PARA EDUCAÇÃO**

Berenice Oliveira da Silva  
UFCG

[bereoli53@hotmail.com](mailto:bereoli53@hotmail.com)

Eronides Câmara de Araújo  
[ero@superig.com.br](mailto:ero@superig.com.br)

### **1 INTRODUÇÃO**

Em certa manhã dez leprosos acostumados aos descaso  
Abandonados caminham o caminho da dor  
Em certa manhã dez leprosos abandonados pelo próximo  
Tão conformados jamais esperavam a cura  
Mas no caminho se deparar  
Com o som que limpa e cura  
Ouve-se a voz do Filho do Homem  
A lepra não pode permanecer  
Em certa manhã dez leprosos aprisionados à rotina  
Passam a vida esperando apenas a morte

( Os Dez Leprosos Resgate  
Composição: Ap. Estevan Hernandes –  
Resgate)

Esta pesquisa tem como objetivo estudar a invenção do papa-figo, problematizando-a como uma pedagogia do medo. A associação entre o papa-figo e a lepra indica ter sido uma forma encontrada por aquela geração para domesticar as crianças. Este trabalho tem como análise os dados coletados em fontes primárias, como materiais publicados nos jornais da época, entrevistas às pessoas que vivenciaram aqueles acontecimentos nos anos citados, dados esses que serão somados a pesquisas bibliográficas de livros e trabalhos acadêmicos encontrados em Internet.

O fato que nos levou a escolher esse tema foram as lembranças da minha infância referentes ao cuidado de minha mãe com os filhos, e um desses cuidados era quando íamos para a escola, para não recebermos bombons, brinquedos e nem conversarmos com estranhos, porque existia papafigo na área que comia fígado de crianças. Muitas crenças existiram nesses anos 70. E essa era muito representada porque os leprosos tinham certeza de que seriam curados comendo fígado de crianças.

As entrevistas foram aplicadas a ex-moradores da fazenda da pedra de Santo Antônio no bairro de Bodocongó e a outros moradores vizinhos da fazenda. Procuramos utilizar os conceitos de táticas de Certeau para melhor compreender como essa atitude das mães era uma astúcia pedagógica para educação infantil.

A nossa pesquisa além de bibliográfica traduz um enriquecimento na teoria da literatura infantil, e pode ainda refletir um papel pedagógico das famílias para a educação familiar.

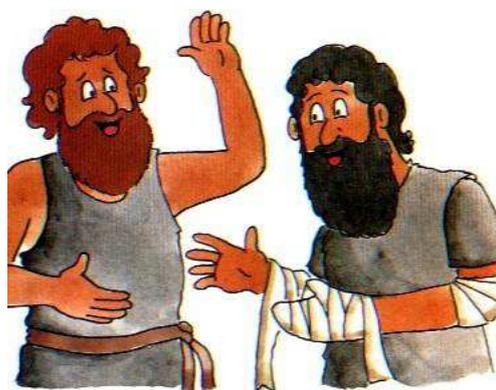
O nosso trabalho requer um estudo mais amplo e profundo sobre como lidar com as memórias, as imaginações, o poder simbólico, a cultura popular, as representações e os discursos das pessoas envolvidas no tema.

Nas entrevistas trabalhamos com história oral, levando em consideração o caráter social da memória (HALBWACHS, 1990) acreditando que os fatos não são lembrados como efetivamente se passaram. Elas também são vistas como uma história de vida resumida, o que possibilita que o pesquisador trabalhe com um número maior de relatos; o depoimento não tem sua referência na vida do entrevistado, mas na forma como ele vivenciou determinados fatos, ou fornecendo informações sobre eles (LANG, 1996). Visto que as memórias dos sujeitos pesquisados constroem múltiplas identidades levamos em consideração que as crenças sobre o papa figo e o leproso, é de que as mulheres utilizaram-se de astúcias para construir representações sobre a prática do desaparecimento e morte das crianças. As astúcias constituem as táticas para educação de controle e disciplinarização.

Para CERTEAU (1994, p. 99-100), chama-se de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. A tática não tem por lugar senão o do outro. A estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações como uma exterioridade de alvos ou ameaças. No próximo item faremos uma análise das representações dos entrevistados sobre a

associação entre a doença e o medo, o pavor e principalmente as astúcias para disciplinar as crianças.

### **Memórias das doenças e das crenças sobre a lepra nos anos 70 e as astúcias para educação**



Fonte:

[http://www.google.com.br/images?hl=pt-br&source=imghp&biw=1021&bih=474&q=leprosos&gbv=2&aq=f&aqi=g1&aql=&oq=&gs\\_rfai=](http://www.google.com.br/images?hl=pt-br&source=imghp&biw=1021&bih=474&q=leprosos&gbv=2&aq=f&aqi=g1&aql=&oq=&gs_rfai=)

Na imagem acima, há uma simbologia da hanseníase associada ao medo de contrair a doença. Entre tantos medos que a doença provocava há também a resignificação da doença para criar um modelo de educação baseada no medo que tinha como referência a estética do paciente. O leproso era nas representações populares associado ao monstro. O perfil de monstro foi canalizado para educação cotidiana.

O papa figo ou o leproso é, nas crenças populares, reconhecido como um homem sem pudor, que resgata fígado de criança sem compaixão, fazendo com que famílias fiquem arrasadas com o desaparecimento e a morte delas. Conforme trechos das falas de pessoas entrevistadas as representações são de medo:

Quando eu vim de Alagoa Nova na época de 1960, todo domingo eu ia pra fazenda, aí seu Belino dizia: Manoelzinho hoje eu estou sem motorista, vamos pra igreja assistir a missa que eu te dou umas pratinhas. Isso eu ficava interessado pelo trocado aí ia com ele.

Quando a gente veio na volta eu via as crianças correndo e chamando as outras, gritando lá vem o carro preto do papa-figo, eu cheguei pra seu Belino e perguntei: Seu Belino porque é que as crianças ficam dizendo que seu carro é do papa-figo? Então ele me disse: Manoelzinho, é por que todo carro que for um jipe ou carro preto eles dizem isso. (depoimento de Manoelzinho, 50)

O Sr. Belino era o apelido dado ao dono da fazenda “Pedra de Santo Antonio”, fundada em 1940 e localizada próximo onde atualmente localiza-se a Universidade Federal de Campina Grande. O seu nome era Bento Figueiredo. Parte dos terrenos para construir esta instituição era de propriedade do dono desta fazenda. Ele era irmão de Argemiro de Figueiredo, político paraibano, no qual foi governador em 1932. Já o Sr. Belino chegou a ser prefeito de Campina Grande em 1936 e faleceu em 1981. Ele tinha hanseníase e na época a doença era associada ao monstro.

Muitas representações dos entrevistados sobre Sr. Belino se refere ao medo, principalmente quando as pessoas que trabalhavam com ele: “Meu medo foi porque inventavam que ele era papa-figo. Mais era só conversa de quem dizia e quem me pagava era o administrador da fazenda André o Pai de Manoelzinho (Toré, 58 anos).

As representações sobre a doença construíram um homem de pêlos no corpo e olheiras longas. Essas representações contribuíam para que as mães ao educarem as crianças se apropriem para uma pedagogia do medo. Essas representações além criar estereótipos para o doente, construíam relações de alteridade e exclusão social.



Fonte: [http://www.google.com.br/images?hl=pt  
br&source=imghp&biw=1021&bih=474&q=leprosos&gbv=2&aq=f&a  
qi=g1&aql=&oq=&gs\\_rfai=](http://www.google.com.br/images?hl=pt&source=imghp&biw=1021&bih=474&q=leprosos&gbv=2&aq=f&aqi=g1&aql=&oq=&gs_rfai=)

Na imagem acima temos uma amostragem dos efeitos da doença no corpo. Vários estudos científicos sobre a relação entre o papa figo e a lepra, vêm sendo, ao longo dos anos, motivo de grandes discussões:

[...] desgraçados aqueles que têm o organismo invadido por ela, que por si tornam o indivíduo um condenado ao exílio, ao afastamento, ao confinamento nos Hospitais, nos Sanatórios, nos Leprosários. É mais do que uma doença; vale uma condenação; fere o ser humano desde tempos bíblicos, marcando o dedo com o ferro do pavor por parte dos outros; faz dele um réprobo, um banido; uma doença-terror que horripila e segrega, porque desconhecida a natureza do agente provocador. E então remédio é isolar o doente do convívio social. O morfético é de fato um renegado, obrigado a usar um chocalho ao pescoço a fim de avisar de sua presença ou aproximação JUSTA apud SOUZA-ARAÚJO, 1956.

Segundo o estudo de Maria da Luz (aluna da UEPB), quando escreveu seu projeto sobre essa lenda na cidade de Bayeur, afirma que a imaginação da população na cidade acreditava que a cura da doença aconteceria mediante a ingestão de fígado humano, e assim, assustando os habitantes, mas, ela indaga: como construir essa imagem de cura? [ ...] associando a cura da lepra ao papafigo. Somos conhecedor no Brasil de vários órgãos que procuram defender a pessoa portadora da doença de Hanseníase. A importância desta problemática requer uma análise não só de estudo como orientar as pessoas que apresenta início da doença a procurar a cura através de um diagnóstico médico.

### **Considerações Finais**

Com base nos dados da pesquisa, pode-se concluir que as pessoas chamadas de papafigo nunca existiram. O que houve foi uma associação entre a estética de monstro com a política da educação cotidiana e família.

De fato, a trajetória dessas pessoas tem sido ao longo da história, uma experiência de isolamento e de exclusão, devido ao medo do contágio provocado entre

elas. É por este motivo que os papa-figo eram assim considerados. São pessoas que não se apresentavam na sociedade e viviam afastadas de todos. Elas foram associadas ao anormal, ao estranho, ao não familiar, ao monstro.

As representações sobre a doenças eram utilizadas como uma astúcia para ‘educar’ as crianças. Não é sem sentido que a geração, desta época em estudo, cantava músicas de bicho papão, assustava as crianças que tinha verdadeiro pavor. Era a educação pelo medo e não pelo respeito aos pais. Além disso, os leprosos ainda tinham que lidar com os preconceitos das doenças e superar os estigmas à eles associados.

Este texto ainda apresenta muitas lacunas, pois a pesquisa está em andamento, principalmente na investigação do perfil que teve a educação familiar. Este momento da pesquisa tem ajudado a constatar que existe na cultura nordestina uma íntima relação entre as representações da doença, as identidades anormais e a pedagogia cotidiana.

## **BIBLIOGRAFIA**

- BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa: Difel, 1989.
- CASTRIOTA, Leonardo (coord.); REZENDE, Wagner; ROCHA, Ana Cecília; SOUZA, Christian. IPUC. **BETIM - Inventário do Patrimônio Urbano e Cultural da Colônia Santa Izabel**. Betim: 1999
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1982.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. Estudos Avançados, 11 (5), São Paulo, 1991.
- DYER, Robert Cartner. Geólogo da Mineração Xingu, **entrevista à revista Notícias Shell – Gente da Gente, Taperoá – Paraíba**. 1963.
- FERREIRA, Elita Afonso. **No Reino do Papa-Figo** 4ª edição, Ficção Infanto-Juvenil. Recife: Edições Bagaço, 1996.
- FHEMIG ON LINE. **Reconhecimento nacional** – Sanatório Santa Izabel recebe certificado do Ministério da Saúde. Disponível <http://www.fhemig.mg.gov.br/noticias.asp?id=389> Acessado em Agosto/2004.
- FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Trad. Laura Fraga. 5 ed. São Paulo. Loyola, 1999.
- FREYRE, Gilberto. **Assombrações do Recife Velho**. Ed.2º. Editora Livraria José Olimpyo. Rio de Janeiro. 1970. P. 61.

---

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**: São Paulo: Vértice: Revista Editora dos Tribunais. 1990.

LANG, Alice Beatriz da Silva Gordo. **História Oral**: São Paulo. 1996.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História, metodologia, memória**: São Paulo: Contexto, 2010.

PASAVENTO, Sandra Jatahy, **História & História Cultural**, Belo Horizonte: 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença**: Stuart Hall, Kathryn Woodward. 9. Ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história e o esquecimento**. Campinas: UNICAMP, 2007